

Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Árvore com parafuso, 2010
Acácia, peça de ferro torneado em forma de parafuso e galvanizado, cabos de aço, parafusos.



Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Árvore com parafuso, 2010

Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Árvore com parafuso, 2010



Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Árvore com parafuso, 2010



Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Couche sourde, 2010
Terra, ramos de árvores e folhas de árvores prensados

Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Couche sourde, 2010

Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Couche sourde, 2010



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Couche sourde, 2010



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Couche sourde, 2010



Gabriela Albergaria

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Under an Artificial Sky, 2006
Desenho/ficção de uma paisagem após visita à
Pfaueninsel, Berlim

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



“Un jardin à ma façon”, 2006
Madeira, terra de fibra de côco, ramos de árvores enxertados, desenho a lápis de cor sobre papel

Térnico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



"Un jardin à ma façon", 2010
(detail)

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

making of



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010



Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Thermic

Gardens are the main material of Gabriela Albergaria's work. She uses them as a tool that is simultaneously narrative, aesthetic, anthropological and mnemonic. In any of these terms and these functions, gardens carry out the role of a speech within her work, a speech that is declined according to the specific conditions of each project, using a journey through the issues of landscape, its importance within the context of the construction of social experiences and the memory of the colonial process in the migration of vegetable species.

In the diversity of the supports she uses in her work she defines situations that call upon the spectator to the rediscovery of the place through references to the collective memories that pass through them.

Gardens are in themselves powerful metaphorical constructions, in essence alien to the romantic idea of landscape in the sense that they do not stand out as a fragment, but as an allegory of a world. It is from this configuration of the garden as a world that Gabriela Albergaria's work arises, much more than from an idea of landscape. In other words, her projects are developed more from the idea that the place of a garden is that of a device that generates an articulation of experiences taken from a historical and social configuration and less from an aesthetic of landscape as a visual ordering of a fragment of the world. Her method is that of understanding the operational mechanics of that micro-cosmos and promoting an intervention that comments on botanical procedures that define a lexicon, a grammar from these methodologies that possess names: grafting, biocenosis, classification, cutting.

The result of this spurious cloning between the universe of botany and artistic devices is always guided according to the memory of artistic genres, to the use of drawing, of sculpture – or more recent ones, like photography, installation, or performances. Thus her interventions are centred on the defining within the exhibition space of situations that feed off a world that in itself is allegorical, and which is produced from a technique and from a culture in order to define a new situation devolved to the beholder's share (to use Ernest Gombrich's term) and to his share – as landscape, now fragmentary and bearing a clear determining aesthetic and, one that orders the field of sight.

Thermal, the exhibition that she is presenting now, is made up of two sculptures and three drawings that occupy the whole of the space of the White Pavilion. Starting from the situation of the garden of the Palácio Pimenta, Gabriela Albergaria takes the relationship with the typol-

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

ogy of the leisure garden, the echo of the practices of storing and development of natural species and the fictional capacity of the space of the garden as her subjects in order to produce a system of internal references and connections to the architecture of the pavilion. On the ground level a redesigned tree occupies the first room. The methodology of this sculpturising of a tree uses violent and particularly crude processes such as driving steel spikes through the trunk of the tree, the suspending of the tree on cable that lift it up from the floor, the eliminating of the foliage and the grafting of a giant galvanized steel screw which, ironically, would allow it to be mechanically replaced in the ground. There is an echo of extreme violence in the process that goes from the erasing of its botanical identity to the sacrificial system of its suspension, transforming its conversion into a sculpture into a painful and almost brutal process, reinforced by its being imposed onto the space.

In the next room there is a sculpture made of soil, on an almost minimal scale of mass, which repeats the operation of conversion of a now sterilised thermic soil bed, with the upper floor working as an inverted repetition of these process through a didactics of the representation, produced through drawings of landscape and drawings that as a whole produce an explanation about the heat retention produced by soil in a greenhouse: the bigger the greenhouse the greater the heat it gives off.

The exhibition (apparently) makes it explicit how the conversion of the space of the White Pavilion into an enormous hot-house takes place, with the title referring to the process of thermal preservation of fertile land – which, possessing a reference to Joseph Beuys, constructs a machine that that shifts through the metaphor of heat and fertility, now subverted through processes of sterilization and museumisation.

This conversion of the Pavilion also takes place through a performance work that Gabriela Albergaria has specifically built for the inauguration of the exhibition – which can only be used on that day by the spectators – which consists of a structure that provides a specific and outside view on the exhibition room, articulating the antinomy between nature and artificiality, reality and representation, aspects which form the centre of her work.

In the final analysis the process of this complex device lies in an ironic machine about the artificiality of nature, about the process of artificialisation that is inherent to garden architecture, as it is to art.

Let us imagine that some garden peacock, in the baroque caricature of the excess of its feathers, might understand this conversion and, naturally and confined, let out its shrill cry.

Delfim Sardo, 2010

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

Térmico

Os jardins são o material principal do trabalho de Gabriela Albergaria. Usa-os como uma ferramenta simultaneamente narrativa, estética, antropológica e mnemónica. Em qualquer destes termos e destas funções, eles cumprem no seu trabalho o papel de uma fala que se vai declinando em função das condições específicas de cada projecto, usando para isso o desenho, a escultura, a instalação e a fotografia para desenvolver um percurso sobre as questões da paisagem, a sua importância no contexto da construção de vivências sociais e a memória do processo colonial presente na migração das espécies vegetais.

O seu trabalho, na diversidade dos suportes que utiliza, define situações que convocam o espectador para a redescoberta do lugar através de referências às memórias colectivas que por eles perpassam.

Os jardins são, em si mesmos, poderosas construções metafóricas, na sua génese alheios à ideia romântica de paisagem, na medida em que não se destacam como fragmento, mas como alegoria de um mundo. É dessa configuração do jardim como mundo que nasce o trabalho de Gabriela Albergaria, muito mais do que de uma ideia de paisagem. Por outras palavras, é mais da ideia de que o lugar do jardim é o de um dispositivo que gera uma articulação de vivências a partir de uma configuração histórica e social e menos a partir de uma estética da paisagem enquanto ordenação visual de um fragmento do mundo que os seus projectos se desenvolvem. O seu método é o de compreender a mecânica operativa desse micro-cosmos e promover uma intervenção que glosa procedimentos botânicos que definem um léxico, uma gramática a partir destas metodologias que possuem nomes: enxertias, biocenose, classificação, truncagem.

O resultado desta clonagem espúria entre o universo da botânica e os dispositivos artísticos é sempre orientado em função da memória dos géneros artísticos, da utilização do desenho, da escultura – ou dos mais recentes, como a fotografia, a instalação, ou processos performativos. Assim, as suas intervenções centram-se na definição, no interior do espaço expositivo, de situações que se alimentam de um mundo que é, em si mesmo, alegórico e que se produziu a partir de uma técnica e de uma cultura, para definir uma nova situação devolvida à quota do espectador (para usar o termo de Ernest Gombrich) e à sua cota – como paisagem, agora, sim, fragmentar e portadora de uma clara determinante estética e ordenadora do campo da visão.

A exposição Térmico que a artista agora apresenta, é composta por duas esculturas e três desenhos que ocupam na totalidade o espaço do Pavilhão Branco. Partindo da situação do jardim do Palácio Pimenta, Gabriela Albergaria toma a relação com a tipologia do jardim de lazer, o eco das

Térmico

Solo exhibition
Pavilhão Branco. Museu da Cidade
Lisboa, 2010

práticas de arquivamento e desenvolvimento das espécies naturais e a capacidade ficcional do espaço do jardim como as suas matérias, para produzir um sistema de referências e records internos à arquitectura do pavilhão. No espaço térreo, uma árvore redesenhada ocupa a primeira sala. A metodologia desta esculturização de uma árvore recorre a processos violentos e particularmente crus como o atravessamento do tronco por espigões de aço, a suspensão da árvore a partir de cabos que a levantam do solo, a eliminação da folhagem e a enxertia de um gigantesco parafuso de aço galvanizado que, ironicamente, permitiria a sua recolocação mecânica no solo. Há um eco de enorme violência no processo que vai do apagamento da sua identidade botânica até ao sistema sacrificial da sua suspensão, transformando a conversão em escultura num processo doloroso e quase brutal, reforçado pela sua imposição no espaço.

Na sala seguinte, uma escultura feita de terra, de uma massividade quase minimal, repete a operação de conversão de uma cama térmica, agora esterilizada, funcionando o piso superior como uma repetição invertida destes processos a partir de uma didáctica da representação, produzida a partir de desenhos de paisagem e desenhos que produzem, no seu conjunto, uma explicação sobre a retenção do calor produzida pelo solo numa estufa: quanto maior é a estufa, maior o calor que ela liberta.

A exposição explicita-se (aparentemente) como a conversão do espaço do Pavilhão numa enorme estufa, fazendo o título menção ao processo de preservação térmica da terra fértil – o que, possuindo uma referência a Joseph Beuys, constrói uma máquina de deslocação a partir da metáfora do calor, da fertilidade, agora subvertida a partir de processos de esterilização e musealização.

Esta conversão do espaço do Pavilhão é ainda dado através de uma obra performativa que a artista construiu especificamente para a inauguração da exposição – e que só nesse dia poderá ser usada pelos espectadores – que consiste numa estrutura que proporciona um ponto de vista específico e exterior sobre a sala de exposição, articulando a antinomia entre natureza e artificialidade, realidade e representação que constituem o centro do seu trabalho.

O processo deste complexo dispositivo radica, em última instância, numa máquina irónica sobre a artificialidade da natureza, sobre o processo de artificialização que é inerente à arquitectura do jardim, como da arte.

Imaginemos que algum pavão do jardim, na caricatura barroca do excesso das suas penas, possa compreender esta conversão e solte, confinado e natural, o seu bramido.

Delfim Sardo, 2010